

Sobe Desce

Alex èrza

No último degrau, calculou: dez minutos gastos. Jamais usava elevadores, fosse onde fosse. Fobia, medo, pavor deles. Nenhuma gota de suor, já o coração; longa subida até décimo nono andar. Ainda assim, nada comparado aos últimos dias de tensão emocional e ansiedade, ali, bem próximo, a razão do seu estado - tomou fôlego, respirou - garganta seca, mãos frias, pernas inquietas; melhor esperar mais um pouco... e se...e se... Não aguentando o peso das próprias resoluções de aquietar alma e aliviar mente, caminhou até porta de número 1901. Parou, tocou campainha com dedos trêmulos. Tudo quieto. Tudo muito quieto. O andar inteiro, o som do mundo, nada. Tocou mais uma vez. Ouviu um "já vai" bem familiar. Franziu cenho ao ouvir resposta, sensação estranha, tão próximos íntimos e distantes, lembrança intacta dos dias felizes. Sofreu fundo ali, dor que queima entranhas, de separação e... esperança? Melhor se concentrar, pensou. Que dizer! Que não dizer? Como vai soar a minha voz - "oi, olá, como vai, demorei muito, não quero atrapalhar"... Correu. Não viu quando a porta foi aberta... Correu... Era melhor deixar as coisas como elas estavam: quietas, suspensas, talvez outro dia, não este e, mesmo assim muito já havia sido feito para deixar e partir, chorou, sorriu... Continuava o mesmo, sabia. Um encontro casual, um esbarrão por aí, cedo ou tarde... É isso, melhor, bem melhor. Desceu correndo atropelando pés, correndo riscos de adrenalina, passos e lembranças. No último degrau fez as contas: oito minutos, dois a menos. Partiu esmiuçando detalhes do meio mundo, da parte que lhe cabe, sozinho, por opção, tentando ocupar espaço vazio do eu.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/sobe-desce>